

O sanfoneiro que teve de virar nordestino

Capítulo	3 — As músicas dos sertões
Ano sugerido	2ª série do Ensino Médio
Disciplina	História
Em parceria com	Sociologia
Tempo sugerido	2 aulas de 50 minutos

Professor(a): _____ Turma: _____ Data: ____ / ____ / ____

TEMA GERAL

A invenção do Nordeste como identidade vendável, e o preço que um artista pagou para ser aceito como representante de uma região.

Problema norteador: *Uma região existe antes de alguém inventá-la?*

HABILIDADES

- **EM13CHS104** Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
- **EM13CHS203** Contrapor os diversos significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas como civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo e cidade/campo, entre outras.

No ENEM: Matriz de Referência do ENEM. Ciências Humanas e suas Tecnologias: H3 — Associar as manifestações culturais do presente aos seus processos históricos; H5 — Identificar as manifestações ou representações da diversidade do patrimônio cultural e artístico em diferentes sociedades.

OBJETIVOS

- Analisar e relacionar a canção e os demais documentos da aula como fontes históricas, para responder à pergunta norteadora: Uma região existe antes de alguém inventá-la?
- Compreender migração nordestina e o preconceito regional nas capitais do Sudeste nos anos 1940 e 1950.
- Compreender a construção da ideia de Nordeste: regionalismo, literatura, política e mercado.
- Compreender o cangaço no imaginário nacional e o fim de Lampião em 1938, poucos anos antes de o figurino aparecer.
- Avaliar o percurso da aula no produto final: um perfil ilustrado de duas páginas sobre um artista atual que vende uma identidade regional, argumentando quem construiu aquela imagem, para qual público e com que ganho — no mesmo esquema de análise aplicado em aula.

Região, para o aluno, é dado de mapa. Descobrir que Nordeste é uma construção do século XX — feita por intelectuais, por políticas públicas e por um mercado de discos no Rio de Janeiro — desmonta o essencialismo de uma vez.



O caso é concreto e visual: um sanfoneiro que tocava o repertório da moda nas noites cariocas e só se firmou como representante de uma região depois de passar a se vestir e a se apresentar como o sertanejo que o público do Sudeste imaginava.

Isso obriga a segurar duas ideias ao mesmo tempo, que é o que o Ensino Médio deve treinar: o figurino era um produto de mercado e era, ao mesmo tempo, uma afirmação orgulhosa contra o preconceito.

E liga direto à indústria cultural: autenticidade como categoria comercial.

CONTEÚDOS ENVOLVIDOS

- Migração nordestina e o preconceito regional nas capitais do Sudeste nos anos 1940 e 1950.
- A construção da ideia de Nordeste: regionalismo, literatura, política e mercado.
- O cangaço no imaginário nacional e o fim de Lampião em 1938, poucos anos antes de o figurino aparecer.
- Rádio, gravadora e a fabricação de um gênero: o baião como produto lançado, não como tradição encontrada.
- O trio montado peça por peça: sanfona, zabumba vindo das bandas de pife e triângulo dos vendedores ambulantes.
- Autenticidade como argumento de venda; estereótipo que ao mesmo tempo afirma e aprisiona.

DESENVOLVIMENTO

1. Duas fotografias, sem legenda (10 min · leitura)

O mesmo homem de terno e de gibão e chapéu de couro. A turma descreve quem é cada um e o que faz da vida.

2. Escuta comparada (10 min · escuta)

Uma gravação do repertório antigo e Baião. Mesmo instrumento, mesmo intérprete: o que mudou no som, e o que mudou no que se espera de quem toca?

3. A cronologia e o figurino (10 min · exposição)

A história da indumentária, com o detalhe que muda tudo: aquela roupa remetia, para o público de 1946, a um bando cujo chefe havia sido morto oito anos antes.

4. Ouvir a montagem (10 min · escuta)

Escuta atenta ao que cada instrumento faz. O trio não foi encontrado no sertão, foi montado na cidade, peça por peça, ao longo de cerca de cinco anos.

5. A invenção do Nordeste (10 min · leitura)

Leitura de trecho. A turma lista quem participou da construção: escritor, político, gravadora, público e o próprio artista.

6. Debate com posições sorteadas (20 min · debate)

O figurino foi submissão ao estereótipo ou apropriação orgulhosa dele? Exigência de evidência, não de opinião.

7. Deslocamento final (20 min · produção escrita)

Que região o aluno habita, e quem a descreve para fora.



MATERIAIS

Baião Luiz Gonzaga · 1946 · Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, 1946

A canção que anuncia e nomeia o próprio gênero.

No meu pé de serra Luiz Gonzaga · 1946 · Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira

Para ouvir a sonoridade já formatada, ao lado do repertório anterior.

Saudades de São João del Rei Luiz Gonzaga · início dos anos 1940

O mesmo instrumentista antes de existir o personagem.

- link: Gonzaga enfrentou o preconceito e adotou o figurino do vaqueiro nordestino (Correio Braziliense) — https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2012/12/13/interna_diversao_arte,339013/gonzaga-enfrentou-o-preconceito-e-adotou-o-figurino-do-vaqueiro-nordestino.shtml
- link: Fotografias de Luiz Gonzaga antes e depois do figurino
- link: Durval Muniz de Albuquerque Júnior, A invenção do Nordeste e outras artes — trechos curtos

BIBLIOGRAFIA

BRUZADELLI, Victor Creti; SOUSA, Rainer Gonçalves. História da Música Popular Brasileira para Vestibulares e ENEM. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2026.

AVALIAÇÃO E PRODUÇÃO DOS ALUNOS

Um perfil ilustrado de duas páginas sobre um artista atual que vende uma identidade regional, argumentando quem construiu aquela imagem, para qual público e com que ganho — no mesmo esquema de análise aplicado em aula.

- Uso da canção como fonte, e não como ilustração: a afirmação histórica se apoia no que se ouve.
- Correção e datação do contexto histórico mobilizado.
- Clareza do argumento e distinção entre o que a fonte prova e o que apenas sugere.

